

A influência do Estado para estabelecer e manter o sistema em que o consumo conspícuo funciona como elemento propulsor é decisiva: "Faz-se necessário canalizar para os consumidores de bens duráveis parte dos recursos criados pelo incremento de produtividade do conjunto do sistema econômico, particularmente daqueles setores em que mais rapidamente penetra o progresso técnico. O importante setor controlado pelo Estado — atividades de rentabilidade garantida por praticarem política de preços administrados ou gozarem de outros privilégios (petróleo, siderurgia, mineração, geração de energia, bancos oficiais, etc.) — também foi utilizado como cadeia de transferência de recursos em benefício dos consumidores de bens duráveis. O problema fundamental estava, portanto, na criação do mecanismo de transferência da renda em benefício dos consumidores de bens duráveis de consumo. Somente assim seria assegurado o dinamismo ao setor industrial e aberto o caminho à penetração do progresso tecnológico e às economias de escala".²⁰⁰

Assim, um país em que a maior parte da população vive maltrapilha, torna-se grande exportador de tecidos; em que a maior parte da população anda descalça, torna-se grande exportador de calçados; em que a maioria absoluta vive mal, torna-se grande produtor de automóveis. Em período recente (1968-1970), lembrava há pouco um economista, a produção de bens de consumo duráveis crescia em ritmo anual médio de 27,4%, mas a de bens de consumo não duráveis crescia a um ritmo de apenas 2,2%, inferior ao do próprio crescimento da população, que era de 2,6%. O chamado "milagre", no dizer do economista, consistiria, então, na piora da situação relativa de 80% da população, na manutenção ou estagnação da situação de 15% da população, e na melhora considerável de cerca de 5% de brasileiros. Para esse mercado de 5% estaria trabalhando o parque industrial instalado no Brasil. Para esse mercado e para o

financiamento do consumo, promoveu-se uma ampliação e diversificação do consumo de bens duráveis das camadas médias urbanas, que serviu de base à recuperação de uma série de setores produtivos novos ou modernizados na indústria, comércio e serviços". (Maria da Conceição Tavares: *Natureza e Contradições do Desenvolvimento Financeiro Recente no Brasil*, Rio, 1971, p. 2). "Como contrapartida, a produção de automóveis aumentou uns 350%, no período. Em uma economia cuja renda nacional total não chega a 35 mil milhões de dólares e, em termos *per capita*, não alcança 400 dólares, a produção de 250 mil automóveis, cujo valor de vendas deve estar em torno de 800 milhões de dólares, expressa e impulsiona um forte processo concentrador de renda. Essa concentração é tão importante que a indústria automobilística — a Volkswagen, por exemplo — teve necessidade de diversificar sua produção para os modelos mais caros, de maior luxo, como forma de dinamizar suas vendas, respondendo ao tipo de demanda dos grupos de maior renda relativa". (Fernando Magalhães: "El perverso 'milagro económico brasileño'", in *Panorama Económico*, Santiago, outubro de 1971).

²⁰⁰ Celso Furtado: *op. cit.*, p. 50.